

A Corrida por Terras

Paula Simas de Andrade¹

¹Gestora Ambiental. Mestranda em Desenvolvimento Sustentável, Centro de Desenvolvimento Sustentável/Universidade de Brasília, Brasília, Brasil.
E-mail: paulasimas@gmail.com

Recebido em 17.03.2013

Aceito em 30.03.2013

RESENHA

PEARCE, Fred. *The Land Grabbers - The New Fight over Who Owns the World*. Boston: Beacon Press, 2012. 326 p. [Uso da terra rural, Propriedade real terras estrangeiras, propriedade Rural, investimento estrangeiro]. ISBN 978-0-8070-0324-4.

Barões da cocaína na Colômbia preferindo produzir *commodities*? Agricultores brasileiros estendendo seus tentáculos para o Chaco paraguaio para criar gado? Estrangeiros comprando terras agricultáveis em países pobres para plantar alimentos? O que está ocorrendo no mundo? Será que Thomas Malthus (1766-1834) finalmente tem razão ao dizer que o Planeta não conseguirá alimentar uma população que cresce exponencialmente?

Com a frase quase intraduzível de Mark Twain, “*Buy land. They’re not making it anymore.*” (Compre terras. Eles não fazem mais - em tradução livre), o profícuo autor Fred Pearce inicia seu livro *The Land Grabbers, The New Fight over Who Owns the World*.

Land Grabber é um termo que não encontra paralelo na língua portuguesa e pede um neologismo. Pode ser traduzido por grilagem de terras, mas, muitas vezes, os *Land Grabs* são feitos legalmente e com consentimento das partes. Muitos autores utilizam a expressão “aquisição de terras por estrangeiros”, mas a expressão “açambarcamento de terras” tem um sentido mais amplo e inclui os *land grabs* feitos por compatriotas. O subtítulo já é mais fácil de traduzir, mas, ainda assim, precisa ser reescrito para não ficar um tanto esdrúxulo: a nova luta para saber quem são os donos do mundo.

Possivelmente você já tenha lido na mídia matérias sobre a aquisição de terras por estrangeiros em países pobres. Aliás, o próprio autor é colaborador de vários jornais ingleses como o The Guardian, Daily Telegraph e o The Independent. Fred

Pearce, como ele próprio se autodenomina, é um “jornalista à moda antiga”. Ele precisa ver para crer. Para escrever sobre os *Land Grabs*, o autor passou um ano viajando pelo mundo. Ao todo Pearce checou *in loco* histórias sobre açambarcamento de terras nos cinco continentes do Planeta, visitando cerca de 10 países. Um trabalho de fôlego relatado em um muito bem escrito inglês.

Além de ser colaborador de vários jornais, Pearce é consultor da revista científica *New Scientist* e escreve para o *Yale Environmental 360*, uma publicação da Escola Florestal e Estudos Ambientais da Universidade de Yale no EUA. Especializado no tema ambiental, Pearce é autor de diversos outros livros, entre eles o *The Climate Files: The Battle for the Truth About Global Warming* (2010) sobre o vazamento de e-mails entre cientistas do clima do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC), caso conhecido como o Climategate, *When the Rivers Run Dry: What happens when our water runs out* (2006) sobre a crescente crise de disponibilidade de água no mundo e *Confessions of an Eco Sinner*, 2009, (Confissões de um Eco-Pecador – em tradução livre), uma ótima dica para quem quer reduzir suas pegadas ecológicas.

No livro aqui resenhado, Pearce conta os antecedentes que contribuíram para a elevação dos preços dos alimentos em todo o mundo em 2007 e o início da corrida por terras. Inicialmente, a produção de bicombustíveis e de grãos para alimentar animais, e o aumento do preço do petróleo foram fatos responsabilizados pela alta nos preços dos alimentos. O crescimento demográfico, a entrada de 500 milhões de novos consumidores no mercado devido ao crescimento econômico da China, secas em países produtores de trigo e uma alta na demanda por arroz nos países asiáticos também entraram na lista dos vilões. Na época, muitos argumentaram que essa era uma crise passageira, a alta demanda por alimentos pedia apenas um crescimento na produção de alimentos. No entanto, foi, principalmente, a crise econômica de 2008 que elevou o preço das *commodities* para um patamar de alta permanente.

Com o crash das bolsas em 2008, investidores, que já haviam fugido do mercado de ações na crise de 2000/2001 para o mercado dos *subprimes*, procuravam investimentos mais seguros. Com os preços dos alimentos ainda em alta nesse período, os mercados de futuro, como o *Chicago Board of Trade*, foram o caminho natural para esses investidores. Essa mudança de percurso assustou o mundo. George Soros disse que a especulação financeira no mercado de futuros era como “acumular alimentos, em meio à fome”.

E assim foi dada a largada da corrida para comprar terras baratas em países pobres. A África é o principal alvo. Lá, como em outros continentes, os açambarcadores chegam a comprar terras do tamanho de pequenos países. Os participantes dessa corrida são investidores de *Wall Street*, fundos de pensão, sheiks do Golfo Pérsico, bilionários indianos do microchip, agricultores brasileiros e empresas estatais chinesas. O motivo por trás desse fenômeno é muitas vezes louvável. Com medo dos altos preços internacionais dos alimentos, a possível escassez de alimentos no futuro e a falta de terras férteis em seus países muitos desses investidores bus-

cam terras para plantar alimentos para seus conterrâneos. Mas grande parte dos *Land Grabbers* são investidores em busca de lucros fáceis.

A cada capítulo do livro, histórias de países diferentes. No Capítulo 12, por exemplo, aprende-se que, com a ajuda da Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional Usaid, os barões da cocaína da Colômbia vêm substituindo suas plantações de coca pelo lucrativo comércio do óleo de palma. Um óleo que, segundo estimativas, é ingrediente de um terço dos produtos colocados em prateleiras de supermercado em todo o mundo.

O abismo social brasileiro nos torna, ao mesmo tempo, açambarcadores e açambarcados. No norte da Bahia e no sul do Piauí, as últimas áreas de Cerrado estão sendo açambarcadas de pequenos agricultores para o cultivo da soja e biocombustíveis. No Chaco paraguaio, pecuaristas gaúchos que venderam caro suas pastagens no Brasil para o agronegócio, agora compram terras ancestrais dos índios ayoreos, muitos deles ainda não-contatados. Os agricultores brasileiros, que hoje já concorrem com os americanos do cinturão dos grãos no norte dos Estados Unidos, ainda investem nos lucrativos negócios das *commodities* na Bolívia e na África. Uma contradição para um país que busca se proteger do açambarcamento de terras criando leis que proíbem a compra de terras brasileiras por estrangeiros.

Áreas inteiras de pântanos, deltas, florestas, no mundo inteiro estão perdendo espaço para os tratores do *agribusiness*. Na província de Gambela, na Etiópia, o desmatamento das florestas afugentou os animais de caça e as abelhas que produziam o mel que o povo Anuak vendia em feiras. Com a drenagem dos pântanos da região para plantar sorgo e cana-de-açúcar, logo não haverá mais peixe, acreditam os Anuaks.

A Indonésia e a Papua Nova Guiné estão no quintal da China - como descreve o autor. Em Sumatra, a maior ilha do arquipélago indonésio, os madeireiros estão destruindo, com uma rapidez assustadora, a floresta tropical que abriga os quase extintos tigres de Sumatra e os orangotangos.

Em Papua Nova Guiné, a história é a mesma. Florestas tropicais inteiras sendo devastadas para a indústria moveleira da China e a produção de papel. Em março de 2011, os cerca de 20 mil habitantes da ilha de Lavongai descobriram que o governo havia arrendado a ilha inteira para a extração de madeira. A ilha localizada no Arquipélago de Bismarck na Papua Nova Guiné é um paraíso totalmente selvagem com densa floresta tropical, montanhas, cachoeiras e rios, lamenta o autor.

Em todo mundo a história se repete. Pequenos agricultores e povos tradicionais perdem suas terras para o agronegócio. Na África, muitos governantes vêm os *Land Grabs* como uma oportunidade para alavancar o crescimento econômico e uma fórmula para desenvolver novas técnicas de agricultura em seus países. Acreditam, também, que a iniciativa irá criar novos empregos e ajudar a tirar a população da miséria. Em pouco tempo, no entanto, os investidores preocupados com a

lucratividade de seus negócios mecanizam as suas propriedades e criam uma nova categoria de miseráveis – aqueles que já não possuem mais terras para o cultivo de suas lavouras de subsistência.

A posse da terra não é garantia. Muitos açambarcadores de terra operam em países com autoridades corruptas que desapropriam terras em troca de poucos milhares de dólares. Para permitir a entrada de investidores estrangeiros e de novas tecnologias de plantio, muitos governos impõem um processo de aldeamento (*villagization*) para a população. Em países como a Etiópia, Angola, Moçambique, Ruanda, Quênia e Tanzânia o aldeamento forçado desloca povos que viviam espalhados em áreas rurais para áreas semi-urbanizadas. As promessas de construção de escolas, hospitais e o fornecimento de eletricidade e água encanada são muitas vezes esquecidas.

Leis contra a compra de terra por estrangeiros também não coíbem os *Land Grabbers*. Muitos investidores compram safras inteiras de produtores do agronegócio nacional ou instalam indústrias de beneficiamento de alimentos para exportar para seus países de origem.

Para escrever o livro, Pearce utilizou diversas fontes. Aos depoimentos colhidos nos países visitados, o autor acrescenta informações contidas em relatórios de ONGs, organismos internacionais e em estudos científicos como o do Colin Filer da Universidade Nacional da Austrália, que rastreou os *land grabs* na Papua Nova Guiné. Pearce utiliza ainda informações oficiais de governos e entrevistas feitas à autoridades públicas.

Ao final do livro, Pearce discute ideias que estão sendo amadurecidas para fortalecer e tornar lucrativa a pequena agricultura. O autor rejeita previsões catastróficas - como a de um dos principais cientistas do governo britânico, John Beddington, - de que o mundo enfrentará em futuro próximo uma “tempestade perfeita”, uma combinação de mudanças climáticas, população mundial crescente, a desintegração dos sistemas ecológicos e escassez de água e de terras agricultáveis. Pearce acredita que há luz no fim do túnel. Ainda há muita terra cultivável no mundo e a tendência é de que a população mundial vá se estabilizar em torno de 2050.

